



Parceiros das Missões

Brasília - Agosto 2014 - Ano III - N° 27

Missionário brasileiro no Japão atende os migrantes

Os migrantes, principalmente latinoamericanos, são alvo de evangelização dos missionários brasileiros no Japão, que também se dedicam aos pobres que vivem nas ruas.

(Pág. 5)



O serviço de sopão também funciona no Japão para atendimento aos sem-teto



Mineiro está construindo cisternas no Haiti

O mineiro Ataíde Mendes de Almeida está no Haiti levando tecnologia simples para construir reservatórios d'água, além de ensinar a cultivar plantas sem o uso de agrotóxicos.

(pág. 6)

A dura vida das missionárias na Amazônia (pág.9)



Ir. Leonízia (esq.) e Ir. do Carmo enfrentando os rios da Amazônia.

Pra começo de conversa

O trabalho missionário exige dedicação, fé e radicalidade. O missionário que deixa sua pátria está consciente de que faz parte do Projeto de implantação do Reino de Deus. Isso exige radicalidade, pois ele vai despojado de tudo e entrega-se de corpo e alma ao Projeto. Também não pode ter medo de lançar-se em águas mais profundas. Belo exemplo nos deu a comunidade cristã de Jerusalém, após a ascensão do Senhor. Lançou-se pela Judeia, pela Samaria, pela Galileia e depois até os confins do mundo levando a Boa Nova. E hoje qual é a radicalidade do missionário?
O editor.

Acre pede socorro às congregações religiosas

A presidente da CRB Nacional, Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, recebeu uma mensagem do bispo da Diocese de Rio Branco, dom Joaquin Pertinéz, através da qual ele convida as congregações religiosas masculinas e femininas para assumirem uma paróquia em sua diocese.

De acordo com dom Pertinéz, a comunidade paroquial se localiza em plena floresta amazônica, na fronteira com o Peru. Numerosas aldeias indígenas e o crescimento contínuo da população são algumas das características do lugar. Afirmou ainda que a falta de missionários e as condições geográficas dificultam o trabalho pastoral. “É uma área isolada. O acesso é somente por via aérea ou aquática”, disse. E fez um apelo à Vida Religiosa. “Uma presença da Vida Consagrada seria muito positiva em um mundo que desconhece esse estilo de vida”.

Se alguma congregação se sentir sensibilizada com este apelo, dom Joaquin se coloca à disposição para o diálogo.



Missionário brasileiro eleito provincial nos Estados Unidos

No dia 16 de junho de 2014, o superior geral da congregação dos padres carlistas scalabrinianos confirmou o missionário Pe. Moacir Balen, da região Alto Uruguai, como superior da província São Carlos que compreende o



Leste do Canadá, Leste dos Estados Unidos, Haiti, Venezuela, Colômbia e Equador. Pe. Moacir é natural da comunidade de Rio Brasil, da Paróquia da Barra do Rio Azul-RS. Há diversas atividades com os migrantes hispanos e brasileiros nos Estados Unidos. Atualmente, trabalha em Miami, mas deverá transferir-se para Nova York, sede da província que passa a dirigir. A congregação dos missionários de São Carlos Borromeu atua prioritariamente com os migrantes e foi fundada pelo bispo João Batista Scalabrini. Seus membros são conhecidos como carlistas scalabrinianos.

Superior geral dos camilianos é do Brasil

O Capítulo Geral Extraordinário da Ordem dos Ministros dos Enfermos (Camilianos) elegeu no dia 18 de junho em Roma, um novo superior geral. Trata-se do Pe. Leo Pessini, catariense, superior da Província Camiliana Brasileira. Formou-se em filosofia e teologia. Especializou-se em Educação Clínica Pastoral, Teologia Moral e Bioética. Pe. Leo é vice-reitor do Centro Universitário São Camilo, em São Paulo, e presidente do Camillian Organization, que reúne 56 hospitais brasileiros. É diretor editorial de duas revistas científicas e possui várias publicações.



Segundo o tema escolhido para esse capítulo “A revitalização da Ordem no IV Centenário da morte de São Camilo”, o novo superior geral terá a tarefa de ajudar a grande família camiliana a fazer renascer o entusiasmo e a alegria de servir os doentes e pobres, como fizeram durante esses quatro séculos de vida.

Amazônia necessita de mais missionários



Universitários com membros da comunidade

Foi realizada 1ª Experiência Missionária Universitária promovida pela CNBB, com a presença de sete jovens universitários na diocese do Alto Solimões, entre os dias 22 de junho a 12 de julho. O diretor das POM, padre Camilo Pauletti, também esteve com o grupo entre os dias 19 de junho e 01 de julho e conta o que vivenciou por lá.

“Para mim foram dias de contato com a realidade do povo, nas cidades de Tabatinga, Benjamin Constant, Atalaia do Norte, Letícia na Colômbia e Santa Rosa e Islândia no Peru. Visitamos as comunidades ribeirinhas e indígenas. Também estivemos em duas Universidades e em um Instituto Técnico Federal. Conversamos com os professores e estudantes. Além disso, convivemos com os missionários que trabalham naquela área.

O contato com as várias realidades, nos fazem ver a beleza da natureza e da vida, assim como os sofrimentos e a solidariedade em busca da defesa da vida. Para quem chega num lugar que não conhece, precisa primeiro tirar as sandálias e respirar o novo espaço sagrado. É importante ver, ouvir e perceber o que se passa neste novo ambiente.

A vida no Alto Solimões tem suas peculiaridades. É forte a presença indígena, muitos se misturaram nas cidades com a população local, outros continuam com sua cultura indígena nas aldeias. O clima é normalmente quente e úmido. As águas com seus os rios, são a principal via de locomoção com barcos de diversos tipos. Nas cidades há grande movimento de motos. A circulação de pessoas entre as fronteiras da Colômbia, Peru e Brasil é livre, assim como o comércio de vários produtos. O ambiente é aparentemente tranquilo, mas fala-se que é um corredor de tráfico de drogas. As terras planas são facilmente invadidas pelas águas. Muitas casas são suspensas do chão como palafitas. No tempo das cheias, sempre há desabrigados. Quando as águas baixam, os ribeirinhos aproveitam para plantar banana, mandioca, milho, melancia, maracujá e hortaliças.

A viagem para as grandes cidades como

Manaus, Bogotá ou Iquitos, é muito onerosa. De barco, pode levar vários dias e de avião, o preço é muito alto. Muitos produtos têm preços elevados por causa do transporte, outros são mais baratos por serem do local ou porque são adquiridos nos países vizinhos. O sistema de comunicações é precário, a Internet é fraca e o telefone funciona em alguns pontos.

Na região observa-se contrastes entre a riqueza natural, a biodiversidade e o abandono do poder público, recursos mal empregados. Quem já esteve no local antes, percebe que há melhorias na defesa da vida. Os jovens indígenas desejam estudar, pois acreditam que o estudo é uma forma de crescer no saber para depois voltar às aldeias.

As distâncias para viajar das aldeias à cidade são grandes e sofridas. No Vale do Javari habitam diversas etnias, algumas ainda não tem contato com outra população.

A exploração da madeira continua acontecendo de forma clandestina. As madeiras no lado do Peru funcionam sem controle.

Em nossa percepção há aspectos bonitos e positivos. Cristo se faz mais próximo e se dá a conhecer com mais evidência através dos pobres. Nas relações sobressai o coletivo e menos o individual, isso nas comunidades e nos missionários. As relações humanas se mostram mais calorosas, diretas e são prioritárias. Valorizam o que é essencial na vida. A dedicação dos missionários é notável. São amados e queridos pelo povo. A acolhida é fraterna e a abertura de coração é percebida, tanto nas casas como na partilha do que se tem. É significativo ver a gratidão das pessoas pela nossa presença. Elas se sentem valorizadas. Sentimos a alegria da hospitalidade e da fraternidade franciscana nos frades Capuchinhos. Toda esta vivência, manifesta a presença de Deus naquelas terras de missão. Por outro lado, escutamos o apelo para ajudar e que mais pessoas se disponham a ir trabalhar como missionários na Amazônia”.

Padre Camilo Pauletti, diretor das POM no Brasil

Puyo, Equador, terra de missão para religiosas brasileiras



Ir. Emília (tocando na imagem) e demais colegas da comunidade em Puyo

Ha três meses estou em missão no Equador, região Amazônica, na cidade de Puyo, que se localiza a 430 km da Capital, Quito. Sou Irmã Emília Gonçalves de Oliveira, natural de Santo Antônio do Manhuaçu - Caratinga, Minas Gerais. Pertencço à Congregação das Irmãs Carmelitas da Divina Providência.

Estamos trabalhando na Paróquia Santo Domingo, localizada na periferia da cidade. Já realizamos várias visitas às famílias e aos poucos estamos conhecendo e partilhando a vida com o povo. No momento, posso dizer que estamos em fase de adaptação e conhecimento, participando de várias atividades em nível de Vicariato e zonas, tais como: assembleias, retiros para missionários leigos adultos, jovens e crianças, como também para religiosos(as).

Estamos vivendo um momento bonito das Santas missões populares no Vicariato de Puyo. Essa experiência é nova e contou com o apoio do padre Luiz Mosconi, que esteve conosco em junho passado, para dar continuidade ao trabalho iniciado.

Quando chegamos, já haviam feito a primeira etapa das visitas das Santas Missões Populares. Eu, Ir. Gorete e Ir. Marieta visitamos algumas famílias para conhecê-los e nos dar a conhecer. Foi uma experiência muito rica, e ao mesmo tempo, desafiante, pelo fato de ser o primeiro contato com os visitados, por tanto éramos estranhas para eles. Mas por outro lado, foi muito bom perceber a abertura e o acolhimento do povo equatoriano.

Na verdade não escolhi ser missionária, embora essa opção esteja implícita no meu sim a Deus. Fui convidada pela minha Superiora Provincial e logo me coloquei à disposição para tal missão, na qual estou muito feliz e realizada, mesmo diante de todas as consequências que essa resposta supõe.

Para mim, ser missionária é comungar o projeto de Jesus Cristo, numa união íntima e profunda com Ele, que me chama e envia.

Para viver minha fé, encontro força e apoio na Eucaristia, na oração pessoal e comunitária. Tal força, encontro também na vida comunitária, na comunhão com a Igreja e minha Congregação, as quais me enviaram e me acompanham.

Quanto à saudade de tudo o que deixei, acredito que será uma companhia constante na minha vida de missionária fora de meu País. Porém, será uma companhia saudável que alimentará e fará crescer cada vez mais o amor ao meu País, família, congregação e amigos, possibilitando-me vivê-lo em outra dimensão. Tenho certeza de que será cada vez melhor administrada na minha entrega do dia-a-dia, na missão à qual fui enviada e pela razão maior que me trouxe aqui - Jesus Cristo.



Trabalho junto à comunidade



Dia de retiro para a juventude

21 anos de doação do Pe. Higa no Japão

Ser missionário no Japão é muito difícil devido aos costumes e valores tão diferentes. Diz o Pe. Evaristo Higa, há 21 anos no Japão, “ser missionário é preciso quase nascer de novo para poder entender e imbuir-se da cultura, dos costumes de um país que não é seu, e ser um deles”

“Trabalho no Japão, na diocese de Yokohama e na Província de Shizuoka, distante 250 km da capital Tokyo. Minha função específica é com os migrantes latinos, de modo especial os brasileiros que vieram trabalhar no Japão. Antes da crise mundial de 2008, eram cerca de 350 mil brasileiros; após a crise e o grande terremotos e tsunami no nordeste do Japão em 2011, muitos retornaram ao Brasil. Hoje são cerca de 195 mil. Dou atendimento aos brasileiros na Província de Shizuoka atendendo dez comunidades, com missas em português, batizados, primeira Eucaristia, matrimônios, velórios, atendimentos aos doentes e visita aos presos”.

Pe. Evaristo relata algumas dificuldades que encontra no dia a dia: “O Oriente é bastante diferente do Ocidente, com a sua cultura, língua, costumes e valores. Isso faz com que muitos se desestabilizam emocionalmente entrando em depressão e vivendo quase como em um “gueto”. É neste momento que as seitas brasileiras aproveitam para arrebatar os indecisos. É um “prato cheio” pois prometem soluções para tudo.

A sociedade japonesa é muito fechada, com seus costumes e normas rígidas às quais nem sempre os brasileiros se adequam. Muitos trabalham no sábado e domingo e nem sempre podem participar da comunidade. E o grande desafio é a educação das crianças brasileiras que nascem no Japão. Os pais nem sempre estão preocupados com elas, pensam em trabalhar e trabalhar; pensam somente no dinheiro e acabam descuidados dos filhos; não tem tempo para eles e aí começa a delinquência juvenil, roubos e drogas. Outro problema é a desintegração da família, dos casais que não têm tempo para si. Um trabalha de dia e



Casamento coletivo. Ao centro Pe. Higa

outro à noite e quase não se encontram. Diante destes problemas muitos acabam esquecendo de Deus. Há jovens e adultos que só procuram a Igreja para batismo, a primeira Eucaristia, crisma e o sacramento de matrimônio. Muitos catequistas que me ajudam começaram a sua caminhada aqui no Japão”

Há vinte anos Pe. Evaristo iniciou um trabalho social junto aos moradores de rua. Junto com os voluntários japoneses, peruanos, filipinos e vietnamitas foi criado o Grupo Esperança. Os moradores de rua são quase todos japoneses. “Levamos a eles, sopão, bolinho de arroz, chá, roupas e remédios. Também procuramos através da assistência social da prefeitura, tirá-los das ruas e colocá-los em casas”- explica o padre.

A abnegação do Pe. Evaristo manifesta-se na sua disposição para ser um missionário autêntico. Estou no Japão há 21 anos, mas antes de vir para cá pedi para ser missionário em Angola mas não aceitaram. Depois de dois anos acabei vindo para o Japão no ano de 1993. Neste tempo pensei em retornar ao Brasil mas vendo o rebanho perdido e desorientado como rebanho sem pastor, não tive coragem de deixá-los. Aqui me sinto feliz e realizado como padre e missionário apesar dos problemas. Nas horas difíceis sempre penso que o meu chefe é Jesus e é por Ele e para Ele que trabalho e assim vou levando avante a missão” - diz o missionário.



Festa Junina no Japão



Atendimento aos moradores de rua

O mineiro Ataíde foi levar água ao Haiti

Há quatro anos, a Igreja do Brasil - CNBB, CRB e Cáritas Brasileira - tem prestado um serviço de promoção humana, psicológica, financeira e espiritual à população haitiana. Muitas famílias, através do artesanato, da criação de animais comestíveis, da plantação de hortaliças, já conseguem dar um novo rumo às suas vidas. Mas a CRB Nacional lança o olhar, agora, para a falta de água, indispensável à sobrevivência.

Direto de Minas Gerais para o Haiti, a possibilidade de amenizar o problema da água ganhou um nome: Ataíde.

Ataíde Mendes de Almeida (foto ao lado) deixa a cidade de Porteirinha, seus filhos e seus projetos para partilhar seus conhecimentos com um povo sedento de água. “A água é o bem mais precioso da humanidade. A cada passo que damos, precisamos dela. Deus me deu o dom de construir cisternas e eu tenho o maior prazer de ajudar a quem precisa da água”, disse emocionado.

Em entrevista à Assessoria de Comunicação da CRB Nacional, Ataíde, demonstrou imensa satisfação em poder sair da sua realidade e agrícola no norte de Minas para transmitir seus conhecimentos a uma comunidade fora do Brasil que, segundo ele, tirará muito proveito do aprendizado.

“Abandonei os projetos que tinha para este mês e vou com amor no coração para ajudar um povo que passa necessidades depois de um terremoto, pois sei que se eles tiverem boa vontade para aprender, além de terem água, ganharão um bom dinheirinho para sobreviverem”, afirmou.

Ataíde contou também que está levando uma bomba manual, feita em cano de pvc, que doará aos haitianos. O agricultor ressaltou que não vai ao Haiti somente para ensinar como se faz reservatório de água, mas ele tem mais um sonho: ensinar os haitianos a plantar sem usar agrotóxicos. “Levo também cartilhas educativas que orientam como plantar hortaliças sem usar veneno. Em nossa região, muitas pessoas estão doentes e outras morreram, devido ao uso de muito tóxico na lavoura de algodão e banana. Se temos condições de produzir orgânico pra que usar veneno? Às vezes as pessoas tem a cabeça fechada, com a idéia de que tem que usar o agrotóxico para a plantação e temos que mudar essa mentalidade. As coisas não são bem por assim”, alegou.

Entre outras experiências fascinantes, Ataíde contou que traba-



lha na roça como vaqueiro e apicultor, mas que foi a constante construção de cisternas que o ajudou a melhorar a renda. Por própria conta aprendeu a fazer cálculos, o que permitiu construir cisternas de todos os tamanhos: aberta, suspensa, bebedouros para animais, piscinas e reformas. “Deus me deu o dom e eu busquei aperfeiçoar e fui aprendendo”, frisou. Na região, Ataíde foi o primeiro a construir cisternas de 80 mil litros de água. Hoje é capaz de construir reservatórios de 500 mil litros para irrigação.

“Estou muito feliz por poder realizar este trabalho no Haiti e por vocês aqui da Conferência, pois sem vocês eu não estaria aqui”, concluiu com brilho nos olhos.



Cisternas em construção

A situação do Haiti

Desde o terremoto que assolou o Haiti em 2010, as coisas não mudaram muito, com exceção do trabalho “formiguinhas” de ajuda humanitária que o Brasil (Igreja e Estado) e outros países de boa vontade tem prestado aos haitianos. O governo não tem condições financeiras para recuperar o país. Serviços básicos para a sobrevivência digna das pessoas ficam a desejar: acesso à energia elétrica, água potável e encanada, rede de esgoto, coleta de lixo e correios.

No Haiti, 80% da população, que é de origem africana, não tem acesso a água encanada e rede de esgoto. Para o fotógrafo Victor Moryama, “a possibilidade do país se reerguer com as próprias pernas já não existe e na contramão deste conjunto complexo de adversidades o haitiano ainda esbanja uma alegria pura e distribui sorrisos lindos a cada esquina”.



Construção de cisternas no Haiti: assessora da CRB está presente



Ir. Ivani Brito na hora do envio na CRB

Uma pequena celebração realizada pelos assessores e funcionários da CRB, em Brasília, marcou o envio da assessora executiva para os projetos missionários da CRB Nacional, Irmã Ivani Brito, que acompanhará os trabalhos de Ataíde, no Haiti. Eles partiram no dia três de julho, para dar início às oficinas de construção de cisternas. Irmã Ivani conheceu Ataíde através da internet, em um site que versava sobre o curso de construção de cisternas de placas ministrado por ele na Escola Rural do Rio de Janeiro.

Afirmou a assessora de comunicação da CRB,

Ir. Rosinha Martins: “Regras jornalísticas à parte, abandono por um segundo a imparcialidade e peço licença para dizer que não posso conter a minha emoção ao entrevistar pessoas como o sr. Ataíde. Uma certeza tive no final da minha entrevista, com um homem tão simples e tão sábio, tão natural e tão rico, transbordante da bondade que vem do alto. Olhei para os céus, e, em lágrimas disse: “Sejas louvado Senhor pelos Ataídes do mundo, que saem totalmente de si para dar ao outro um pouco do que tem e tornar esse mundo melhor. Nem tudo está perdido. Sucesso, Ataíde!” Ir. Rosinha Martins

A terra de missão em Portelândia, Goiás



A comunidade das irmãs

O município de Portelândia está situado no sudoeste de Goiás, perto do município de Mineiros a 500 km de Cuiabá e 400 de Campo Grande. É essencialmente uma terra de missão. A comunidade católica é liderada pelo padre Humberto de Freitas Vieira, pároco em Santa Rita, cidade a 80 quilômetros. Ele vai até Portelândia às quartas-feiras e aos domingos para atender a comunidade. As pastorais e a administração são acompanhadas por três missionárias da Consolata, as Irmãs Maria Costa, Odete Martins e Bernardete Pickler. As religiosas chegaram à cidade de Portelândia em agosto de 2012 onde, desprovidas de estruturas, vivem numa casa da paróquia. “Acredito que isso dá muito mais agilidade e leveza para a missão. Sem muito peso das estruturas tentamos ir ao encontro das necessidades. Dentro de nossas forças priorizamos a formação”, explica a Irmã Bernardete.

Como metodologia, as religiosas herdaram do seu Fundador, o Bem-aventurado José Allamano, a capacidade de articular a evangelização e a promoção humana. “Gosto do povo e do trabalho das Irmãs por que elas estão animando as famílias”, diz Irmã Odete Martins, 83 anos.

A realidade é de primeira evangelização, em que muitas famílias precisam de Iniciação Cristã. No Bairro das Populares onde vive cerca de cem famílias, revelou que mais de 50% não recebeu nenhum sacramento. Irmã Bernardete conta que, em uma rua com 30 famílias nenhuma delas é casada na Igreja. A grande maioria é católica, mas não frequenta a Igreja porque se sentem excluídos pelas condições em que vivem. “Diante disso, nos perguntamos o que fazer para despertar essa sede de Deus. Já identificamos algumas mulheres que são líderes e pensamos em fazer formação para que sejam multiplicadoras” - explica.

Outro lugar que requer atenção é a comunidade São Pedro, povoado a 15 quilômetros da cidade de Portelândia. Lá existe uma capela que estava fechada e a pedido de dom José Luiz Majella, bispo da diocese de Jataí, foi reaberta. No passado havia catequese e até uma escola, mas a maioria dos cristãos migrou para outros lugares. Os que



Pe. Jaime efetuando o batismo de adultos permaneceram passaram para outras igrejas ou já não frequentam a comunidade. Com a chegada das missionárias, a Pastoral da Acolhida começou um trabalho de motivação para reanimar a comunidade.

Mais adiante, seguindo pela rodovia, encontra-se um Assentamento do INCRA e uma Comunidade Quilombola. Com o avanço do agronegócio e a ocupação das terras por agricultores vindos de fora, os acampamentos na Região Centro-Oeste são comuns.

Segundo Irmã Maria Costa, a situação de abandono e a fraca participação dos paroquianos, foram as principais motivações para que dom José Luiz Majella, solicitasse a presença das Irmãs em Portelândia. “O bispo nos pediu para ajudar o povo a voltar a acreditar na Igreja, pois a comunidade está marcada por experiências negativas há alguns anos. Muitos cristãos se afastaram”. A missionária recorda que, diante do convite do bispo, fizeram-lhe também “a proposta de realizar animação missionária e vocacional”.

Ao perceber as dificuldades de comunhão, as religiosas lideraram uma reflexão sobre o tipo de paróquia que a comunidade desejava construir. Durante um ano, foram feitos estudos sobre as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE), o Documento de Aparecida e o estudo da CNBB (n.104): Comunidades de comunidades: uma nova paróquia, hoje Documento da CNBB (n. 100). A reflexão culminou com a 1ª Assembleia Paroquial de Pastoral que traçou uma radiografia da comunidade. Assim surgiu o Plano de Pastoral Paroquial. “Muita coisa bonita foi feita até agora, mas precisamos progredir ainda mais, a exemplo de Jesus Cristo que se doou e nos amou até o fim”, finaliza Irmã Maria Costa.

Jaime Carlos Patias, IMC, é secretário nacional da Pontifícia União Missionária.



Via-Sacra na igreja matriz de Portelândia

Experiência de missão na Amazônia



Ir. Leonízia com Ir. do Carmo na viagem de rabeta

São muitas as experiências missionárias na Amazônia. Aqui um relato da Ir. Leonízia Izabel da Silva que foi até Auxiliadora do Uruapiara, no interior do Amazonas, perto do Rio Madeira, para atender a uma comunidade por uma semana, por ocasião da festa da padroeira.

“Minha viagem foi com muita expectativa. Tinha vontade de chegar logo, mas por causa da situação de transporte por navegação precisei permanecer por dois dias em Manaus e só no dia sete de maio consegui viajar num barco que seguiu o Rio Negro até uma altura e depois continuou no Rio Madeira, com destino à Manicoré. Linda e divertida viagem! De Manaus à Manicoré foram 14h. Para mim uma experiência muito nova. Tudo era novidade até o encantador por do sol presenciado na viagem

Chegando a Manicoré, Ir. Maria do Carmo me esperava para tomar outro barco para chegar ao destino final, Auxiliadora do Uruapiara. Agora a viagem seria a noite toda. Para dormir usa-se rede. Ir. Maria do Carmo já havia colocado nossas redes, para isso eu não tive o trabalho de pendurá-las.

Desde que entrei na Comunidade Auxiliadora comecei a me encontrar com as pessoas, conhecer as lideranças e rezar, celebrar com elas. Cheguei no dia sete de maio e a novena em preparação à festa da Padroeira Nossa Senhora Auxiliadora iniciou-se no dia 15 de maio. Durante toda a novena o horário de



Ir. Leonízia com uma moradora



Ir. Leonízia com crianças

despertar foi às 04h30min, para o momento de caminhada em que se rezava o terço. Por duas vezes terminou com o café da manhã. Todas as noites havia procissão e celebração. Depois disso iniciava uma festa popular com leilões e terminava aquele dia com o bingo.

Cada dia da semana era um tema de Nossa Senhora e a equipe responsável do dia realizava a celebração. No dia do pescador eles entraram com uma canoa na hora da Palavra e as crianças dentro levavam a Bíblia.

No dia da festa o tema foi: Nossa Senhora Auxiliadora companheira de nossa caminhada.

Nesse dia estavam presentes várias comunidades ribeirinhas e indígenas. No ofertório foi construída a margarida com os nomes dos setores onde estão as trinta e cinco comunidades. A festa com muita gente das comunidades durou até à meia noite.

O Rio Madeira oferece o único meio de transporte nesta realidade. Não há estradas, portanto não há carros. Mas há barcos, voadeiras, balsas, rabetas, canoas. Tudo é dom de nosso Criador!

Bendito seja nosso Deus que foi capaz de criar coisas extraordinárias e tão diferentes. Em tudo damos graças ao nosso bondoso Deus. Aqui é bem visível o lema do nosso projeto: “Em simplicidade trabalhar”.



Capela de Auxiliadora

Ir. Tânia: vinte e três anos em Camarões



Ir. Tânia na sala de aula

A missionária Tânia Regina Alves de Lima, paranaense de Joaquim Távora, não titubeou quando foi convidada a trabalhar em Camarões. “Deus que me escolheu e eu escolhi também para dar uma resposta a ele: ir pelo mundo inteiro anunciar a “Boa Notícia”. Pertencente à congregação das Dominicanas da Beata Imelda, Tânia, desde 1991, vive em Camarões, portanto são 23 anos de dedicação e amor, principalmente às crianças

O ardor missionário de Ir. Tânia está baseado na convicção de evangelizar. Diz ela: “para mim é missionário toda pessoa que sente como Paulo: Ai de mim se eu não evangelizar. É uma resposta ao nosso batismo e devemos anunciar, rezar, proclamar, testemunhar nossa fé no ressuscitado em todo tempo. Isto pode ser aí no Brasil ou além fronteiras. É também acolher o anúncio da Igreja para levar o Cristo a todas as nações. Eu me apoio na minha fé, na Palavra de Deus, na Eucaristia que para mim é a fonte onde busco as forças para continuar a missão, que é amar e fazer amado Jesus Eucarístico e na minha comunidade”.

Em Camarões duas são as línguas oficiais: o francês e o inglês. As irmãs vivem na zona francesa. Relata Ir. Tânia Regina: “vivi nove anos em uma vila chamada Djangane, a 430 km da Capital Yaoundé, na região de floresta, a leste do país. Depois, mais 12 anos na capital, Yaoundé. Agora estou de volta. A paróquia é atendida pelos padres diocesanos e é composta de nove comunidades.

Djangané é uma vila constituída sobretudo de agricultores. Falam francês e bolis pois a maioria



Ir. Tânia na celebração da missa

pertence a essa ethnia Bolis, povo da floresta.

Nós estamos presentes em Djangane desde 1987. Nossa missão é sobretudo na formação de crianças no jardim da infância, primário e colégio, A escola pública fica distante quatro quilômetros da nossa missão. Durante 25 anos uma das nossas irmãs, a brasileira Ir. Rosana trabalhou no Centro de Saúde da comunidade e agora o Centro foi transferido para a diocese. Também há a formação das mulheres sobre a nutrição e higiene. Na paróquia somos colaboradoras na formação de grupos de jovens, ação católica, coroinhas, catequistas e na animação da liturgia. A vila comporta mais ao menos umas 300 famílias e toda a paróquia em torno de 800 famílias.

Neste ambiente, Ir. Tânia se sente feliz e realizada: “para mim a maior alegria é ver o progresso das crianças na escola materna, ensinar o inglês e o francês, ver as crianças usando os computadores, observar os pequenos progressos das famílias melhorando a habitação e as plantações. Tem também a conquista da água potável graças ao trabalho das irmãs e saber que podemos viver e trabalhar juntos com italianos, brasileiros, camaronenses, nigerianos, etc. As dificuldades são muitas como a mentalidade que não é ainda bem formada nos valores. Exemplo: mandar as crianças para a escola, porém muitos ficam em casa e só terminam o ciclo primário. Além da falta de energia elétrica existem os desafios da poligamia e da bebida que afetam as famílias.

Eu sinto falta da família do Brasil. Para mim é sempre Brasil. A saudade às vezes é forte, dolorida. Sinto falta das irmãs da Província do Brasil, mais Deus me dá forças e cada vez que vou ao Brasil tento refazer os laços com a família, meus pais e irmãos, com as irmãs da Província. Nas nossas orações sei que estamos unidos, sustentando-nos uns aos outros. Acredito que minha família, amigos, conhecidos, minhas irmãs da congregação rezam por mim e eu por eles e elas e no tabernáculo estamos perto”.



Uma das casas de família da comunidade